

3

A Relação Mãe e Filha

3.1

O Édipo na menina a partir de Freud

Neste capítulo, nos deteremos na paisagem devastada que consiste a relação mãe-filha. Começaremos com o estudo do Édipo feminino em Freud para destacar a relação entre a menina e sua mãe.

A feminilidade em Freud apresenta-se como um vir-a-ser. Freud considera que a tarefa da psicanálise não deve consistir em descrever o que é uma mulher, problema indecifrável, mas em pesquisar em como a menina se transforma em mulher. A mulher precisa ser criada a partir de um longo trabalho psíquico (André, 1998, p. 191).

Freud deseja explicar as especificidades do Édipo e do complexo de castração na menina. Porém, nesse ponto de sua obra, ele admite o desconhecimento em relação a esse processo. “Infelizmente, podemos descrever esse estado de coisas apenas no ponto em que afeta a criança do sexo masculino; os processos correspondentes na menina não conhecemos” (Freud, 1923, p. 158).

O que podemos notar é que o feminino se apresenta para Freud como algo ligado ao desconhecido e ao obscuro, o que, aliás, nos parece ter sido sempre a posição de Freud em relação às mulheres. Talvez por isso ele tenha falado em um “continente negro”, por perceber que algo não foi respondido (1926, p. 205).

É a partir do texto “Algumas Conseqüências Psíquicas da Distinção Anatômica entre os Sexos” (1925), que Freud faz uma completa reavaliação sobre o desenvolvimento psíquico das mulheres e estabelece algumas particularidades da sexualidade feminina. Nela está a origem de seu trabalho posterior sobre esse assunto. Ele chega à conclusão de que o Complexo de Édipo se dá de forma diferente nas crianças de sexo masculino e feminino, ou seja, a distinção anatômica entre os sexos se expressa em conseqüências psíquicas.

Contudo, é importante deixar claro que o evidente no que se refere à anatomia não é inscrito como tal no psiquismo. Segundo Freud, só será inscrita no

psíquico a consequência desta diferença, isto é o falo. Por isso, o fundamental não é tão somente a clivagem anatômica, mas o uso que ambos os sexos farão de sua relação com o falo, assim como do perigo da castração, para determinar suas atitudes.

Em “Sexualidade Feminina”, de 1931, o complexo de Édipo é problematizado nas meninas. Fundamentalmente, tanto para o menino quanto para a menina, a mãe é o primeiro objeto de amor. No entanto, o menino irá manter esse objeto ao longo de seu desenvolvimento, mas a menina, por sua vez, deve trocar de objeto para atingir a feminilidade, e para isso, seu pai deverá ser colocado nesse lugar.

Ao longo de seu desenvolvimento, a menina precisa mudar de zona erógena (substituir o clitóris pela vagina) e de objeto (passar da mãe ao pai), enquanto o menino conserva ambos. Não se trata de um processo natural. As mudanças que o Édipo feminino se propõe a realizar são absolutamente complexas. O desenvolvimento das meninas, quando comparado ao dos meninos, se mostra mais difícil e complicado, já que possui dois trabalhos aos quais não há nada similar no desenvolvimento masculino.

Dessa forma, a vida sexual da menina está dividida em duas fases, a primeira possui um caráter masculino, ao passo que a segunda é especificamente feminina. (Freud, 1933, p. 119 e André, 1998, p. 192).

Em 1931, Freud se dá conta que a ligação da menina e sua mãe foi subestimada ao longo de suas análises sobre o complexo edípico e que esta é mais intensa e influente do que ele havia considerado anteriormente. Assim, ele aborda a questão do vínculo entre a menina e sua mãe sublinhando a precocidade e importância da mesma.

Dois fatos me impressionaram. O primeiro foi o de que onde a ligação da mulher com o pai era particularmente intensa, a análise mostrava que essa ligação fora procedida por uma fase de ligação exclusiva a mãe, igualmente intensa e apaixonada (...). O segundo fato ensinou-me que a duração dessa ligação também fora grandemente subestimada (Freud, 1931, p. 231).

Freud compara essa descoberta com o descobrimento da civilização mino-micênica pela Grécia (*Ibid*, p. 234). Ele se depara, na verdade, com uma cultura para além da cultura fálica. Ele teria a partir desse momento o desafio de formular uma teoria sobre o feminino para além do falo. Tornar-se mulher enquanto

resolução do Édipo frente à castração apresenta-se como uma operação difícil para a mulher, marcada pelo signo do negativo.

É nesse ponto que Freud se faz uma pergunta crucial e determinante relativa a essa troca de objeto original específica da menina. Ele se pergunta: “Como ocorre, então, que as meninas o abandonem (o objeto original – a mãe) e, ao invés, tomem o pai como objeto?” (Freud, 1925, p. 280). Perguntas do mesmo teor também são encontradas em “Sexualidade feminina” (1931), onde ele questiona: “Como [a menina] encontra o caminho para o pai? Como, quando e por que se desliga da mãe?” (Freud, 1931, p. 233).

Inicialmente a leitura freudiana da relação primitiva da mulher com a mãe é abordada por seu conceito de *Penisneid*. O *Penisneid*, ou inveja do pênis, é um termo que já aparece na obra de Freud em 1908, em “Sobre as teorias sexuais das crianças”, a inveja sendo ali tomada no sentido de ciúme. Sua modificação em relação a esse conceito surge nos anos 20 a partir do questionamento de Freud sobre os destinos da inveja do pênis na vida psíquica posterior da mulher e sua articulação com a ligação pré-edípica da menina com sua mãe. A menina faz de sua mãe a responsável por sua falta de pênis e não lhe perdoa por essa desvantagem (Freud, 1925, p. 283).

Vemos que na travessia que leva da pré-história à história edípica há um ponto do qual não se tem acesso pela memória, e corresponde ao que foi, para o sujeito feminino, seu vínculo com a mãe. Freud destaca:

[...] tudo na esfera dessa primeira ligação com a mãe me parecia tão difícil de apreender nas análises - tão esmaecido pelo tempo e tão obscuro e quase impossível de revivificar - que era como se houvesse sucumbido a um recalque especialmente inexorável (Freud, 1931, p. 234).

Freud afirma que a sexualidade feminina deriva da inveja do pênis e supõe quatro consequências psíquicas decorrentes dela (Freud, 1925, p. 282).

- A cicatriz, que é a marca do narcisismo feminino. Ela é a marca de fábrica da relação que uma mulher tem com o corpo feminino, que faz da imagem uma forma de suturar essa ferida.
- O ciúme, que é a marca de fábrica da fantasia “Bate-se numa criança”. Nesse texto, ele atribui essa fantasia ao resíduo da fase fálica

e nele o sujeito faz uma passagem da relação da mãe para o pai como objeto de amor.

- A catástrofe, que situa a mãe como responsável pela falta da filha e sendo como suposta gozar disso.
- A reação contra o onanismo que abre a via para a sexualidade feminina segundo a metonímia dos objetos femininos.

Com efeito, vemos que para Freud a relação da mãe com a filha guarda forte tendência de reivindicação fálica e concentra demandas de amor, bem como tudo o que se relaciona ao registro da censura, da culpa e do ódio.

A decepção fará com que a menina oriente a demanda de falo para o pai, o que a permite entrar no complexo de Édipo. Se voltar para o pai é a possibilidade para a menina de simbolizar a falta.

É importante pontuar que a falta de motivo para a menina destruir o complexo de Édipo, já que ela não tem angústia de castração, fará com que este tenha um destino diferente do que observamos nos meninos. Ele pode ser deixado de forma lenta, destruído tarde e de maneira incompleta ou a menina poderá nunca realmente sair dele.

Em sua conferência XXXIII sobre a Feminilidade, Freud afirma que “a menina poderá refugiar-se na situação edipiana como num porto seguro e nunca mais deixar seu pai” (1933, p. 129). Isso cria um novo impasse, Freud explica, mas não convence, pois a separação com a mãe se mostra tão complexa e difícil ao longo da vida. Freud diz ao mesmo tempo que a filha continua brigando com sua mãe e por outro pode refugiar-se no pai. De qualquer forma as reivindicações fálicas permanecem.

Portanto, o Complexo de Édipo nas meninas é precedido e preparado pelas seqüelas do complexo de castração. Enquanto no menino o complexo de Édipo naufraga sob o complexo de castração, o da menina é possibilitado por ele. O complexo de castração, dessa forma, inibe e limita a masculinidade e incentiva a feminilidade (Freud, 1925, p. 285).

Assim, nas mulheres, o complexo de Édipo constitui o resultado final de um desenvolvimento bastante demorado. Ele não é destruído, mas criado pela influência da castração; foge às influências fortemente hostis que, no homem, tiveram efeito destrutivo sobre ele e, na verdade, com muita freqüência, de modo algum é superado pela mulher (Freud, 1931, p. 264).

Como a vivência da ameaça de castração é inexistente para as meninas, algumas mulheres permaneceriam presas a sua ligação original com sua mãe, não alcançando assim uma mudança em direção aos homens.

Ademais, Freud se dá conta de que a tarefa de “mudar de sexo” é na verdade uma reorganização da libido que não se mostra nada simples. A passagem do objeto-mãe ao objeto-pai não só é difícil, como nem sempre se realiza. Depende das tendências passivas da menina terem escapado da catástrofe que representa a conservação dos movimentos pulsionais ativos da menina dirigidos à mãe.

As tendências ativas foram mais intensamente afetadas pela frustração; revelaram-se totalmente irrealizáveis e, portanto, são mais prontamente abandonadas pela libido. [...] A transição para o objeto paterno é realizada com o auxílio das tendências passivas, na medida em que escaparam à catástrofe. O caminho para o desenvolvimento da feminilidade está agora aberto a menina, até onde não se ache restrito pelos remanescentes da ligação pré-edipiana à mãe, ligação que superou (Freud, 1931, p. 247).

Nota-se a dificuldade na posição freudiana ao tratar essa questão. É necessário que a menina perca sua atividade fálica, mas não toda, já que é preciso que se conserve parte desta para sustentar a demanda que vai dirigir posteriormente ao pai.

Como a menina se separa da mãe?

O fato de a mãe ser ao mesmo tempo objeto de amor e polo de identificação se mostra complexo para a filha. É precisamente no momento em que a filha mais odeia a mãe que deve identificar-se com ela. O afastamento da mãe constitui um momento muito importante no processo de desenvolvimento de uma menina e é acompanhado por manifestações diretas de hostilidade.

Freud diz que o motivo mais forte para o afastamento da mãe consiste no fato desta não ter dado a filha um pênis apropriado, ou seja, tê-la trazido ao mundo como mulher. As meninas não perdoam suas mães por tê-las colocado em desvantagem. Além disso, menciona a ambivalência afetiva – amor e ódio, característica de caráter geral da sexualidade infantil, juntamente com os outros fatores descritos, impelem a menina a se afastar da mãe e ir em direção ao pai. De forma diferente, os meninos podem manter inalterada sua relação com a mãe

porque podem dirigir seus impulsos hostis em direção ao pai. “Talvez o fato real seja que a ligação à mãe está fadada a perecer, precisamente por ter sido a primeira e tão intensa” (Freud, 1931, p. 269).

A ambivalência na relação entre a mulher sua mãe tem a ver com a castração ou com as “primeiras etapas da vida erótica”? Tanto há problema com relação ao falo, quanto com relação a algo mais (pré-edípico). Como articular estas duas dimensões da recriminação?

Freud, apesar da existência de todos os motivos expostos para que a menina se afaste da mãe, os acha insuficientes para explicar a hostilidade da menina a mesma. Apesar disso, vemos que os motivos apontados por ele apontam para a decepção e o desapontamento.

Na conferência XXXIII – “Feminilidade” (1933), Freud enfatiza que o resultado final de todo esse processo de desvinculação é o ódio da menina por sua mãe. Ele pontua que esse sentimento pode durar por toda a vida de uma mulher, ser supercompensado, ou pode ser superado em parte, mas, um resto sempre persiste.

Com isso tudo, percebemos que a pergunta lançada por Freud em 1925 – por que é tão difícil para a menina separar-se de sua mãe? – parece não ter sido totalmente respondida. Para a filha separar-se da mãe é preciso que se desenvolva em direção a feminilidade, mas para essa ser desenvolvida a menina precisa identificar-se com a mãe. Vemos assim que as questões cruciais no processo de tornar-se mulher levam a um impasse.

Freud escreve “o anseio com o qual a menina se volta para o pai é exatamente o desejo do pênis do qual a mãe a frustrou e que ela espera agora obter do pai” (1933, p. 128). A substituição da mãe pelo pai no Édipo produz um novo significado que é esperado, isto é, um sinal de uma identidade propriamente feminina. Em outras palavras, ao passar pelo Édipo a menina receberá do pai (assim como o menino) uma identificação viril que lhe trará estrutura enquanto sujeito, no entanto, este também não poderá lhe dar uma identificação especificamente feminina. O pai também não dá conta no que se refere a propiciar um símbolo do feminino.

A passagem pelo Édipo dá a menina o estatuto de sujeito, mas deixa ainda várias questões abertas. Diante desse fracasso parcial, Freud aponta que se abrem três possibilidades para a menina: a primeira é a via neurótica da inibição sexual, a

segunda seria o complexo de masculinidade e a terceira a da feminilidade. Desse modo, a construção fálica edípica aponta três caminhos para a mulher e introduz o feminino como uma construção psíquica. Vemos abaixo como Freud caracteriza cada uma delas:

1) A frigidez e a inibição. Ao se sentir inferiorizada com seu clitóris em relação aos meninos, a menina abdica de sua masculinidade renunciando a atividade fálica clitoridiana. Além disso, por ser marcada pela inveja do pênis, acaba sendo tomada por uma inibição sexual que se estende a outros campos da vida (Freud, 1932, p. 126). Dessa forma, ela só tem a possibilidade de se inscrever enquanto falta, sendo ela o outro falho e invejoso, ou o outro que inexistente em sua frigidez e inibição.

2) O complexo de masculinidade. Ao agarrar-se de maneira desmedida à sua masculinidade ameaçada, ela permanece esperando ansiosamente obter um pênis, que a tornaria verdadeiramente masculina. Essa via pode conduzi-la a homossexualidade (*Id.*, p. 129). Mais uma vez marcada pela inveja do pênis, só lhe é possível inscrever-se como um masculino falho.

3) Tornar-se mulher através da maternidade e da passividade. Cabe à menina renunciar a masculinidade, para encontrar o caminho do feminino verdadeiro, substituindo seu desejo de ter um pênis, pelo desejo feminino de maternidade, e pela substituição do gozo ativo do clitóris pelo gozo passivo da vagina (*Id.*, p. 128).

Sendo assim, a maternidade é sustentada como destino normal para as mulheres enquanto as outras alternativas são tidas como desvio negativos e soluções patológicas. Freud não separa a mulher da mãe, isto é, para ele a construção da feminilidade passa necessariamente pela maternidade. A posição feminina só é estabelecida quando o anseio pelo pênis é substituído pelo desejo de ter um filho – o filho, seguindo uma equivalência simbólica, tomaria o lugar do pênis.

Tornar-se mulher na teoria freudiana se confunde com o tornar-se mãe. O desejo de ter um filho supostamente traria consigo uma realização simbólica ao desejo inicial de possuir o pênis. Em última instância, Freud atribui ao filho a papel de significante da identidade feminina, já que não existe outro sinal.

Freud concebe que não há na linguagem, não há na cultura algo que defina a mulher como o falo define o homem. Ao fim da elaboração freudiana sobre a

feminilidade, esta se apresenta como um impasse. Tornar-se mulher enquanto resolução do Édipo frente à castração apresenta-se como uma operação difícil para a mulher, marcada pelo signo do negativo.

A releitura de Freud a que nos convida o ensinamento de Lacan possibilita um avanço significativo nessa questão. A partir das elaborações lacanianas, entendemos que a dificuldade de separação entre a filha e sua mãe deve-se à falta de um símbolo específico do feminino. A maior consequência clínica desse fato é que as mulheres precisam se inventar uma a uma, como veremos no subcapítulo a seguir.

3.2

Não existe um símbolo do sexo feminino

Lacan marca que ali onde Freud parou seria possível avançar. Ele esclarecerá em “A significação do falo” que o que está em jogo realmente é a dificuldade enfrentada pela menina em aceitar que a mãe não possa lhe prover um símbolo de sua identificação feminina, exatamente porque tal símbolo inexistente. Esse se constitui um ponto fundamental da feminilidade: o efeito causado na mulher pela falta de um símbolo específico de seu sexo, como o falo o é para o homem.

Essa experiência do desejo do Outro, a clínica nos mostra que ela não é decisiva pelo fato de o sujeito nela aprender se ele mesmo tem ou não um falo real, mas por aprender que a mãe não tem. É nesse momento da experiência sem o qual nenhuma experiência sintomática (fobia) ou estrutural (*Penisneid*) que se refira ao complexo de castração tem efeito. Aí se assina a conjunção do desejo, dado que o significante fálico é sua marca, com a ameaça ou a nostalgia da falta-a-ter (Lacan, 1958, p. 701).

Como vimos anteriormente, a vivência pela menina do complexo de Édipo, lhe dá condição de sujeito, libertando-a do assujeitamento ao desejo do Outro materno. Porém, deixa em aberto a questão de sua identidade feminina.

A partir do momento em que é marcada pela castração, a menina perde a possibilidade ilusória de continuar a ser o falo da mãe. Ela passa a não ter mais um lugar assegurado, como tem o menino como suposto detentor do falo ao identificar-se com o pai. A identificação feminina, como veremos com Lacan, vai

enveredar-se pelos campos de um além (ou aquém) do Édipo, em que continua a desenrolar-se a relação da menina com a mãe.

O caminho traçado por Freud para abordar o processo de identificação na menina é retomado por Lacan, mas de forma diferente no início e no final de seu ensino. Como já foi visto anteriormente, a princípio, ele abordou a questão identificatória da mulher através de sua identificação com o falo na fantasia masculina. Já no segundo tempo de seu ensino, ele nos traz a formulação sobre a maior expectativa da menina em relação à mãe, no campo fora do falo.

Mesmo tendo tratado o processo de identificação na menina de formas distintas em momentos diferentes de sua obra, Lacan não exclui nenhuma de suas concepções, apenas avançou em suas elaborações mantendo ambas. Deter-nos-emos na segunda.

A articulação fálica edípica não recobre, não define integralmente o ser da criança, sendo ele menino ou menina. Portanto, não define integralmente de modo geral. Todo falante tem algo que não é recoberto pelo Édipo. Define, porém, menos integralmente as meninas do que os meninos. Aqueles que saem do Édipo como meninos têm seu ser definido por uma identificação viril, o que corresponde a uma aproximação do pai como aquele que tem a insígnia fálica. Já aqueles que saem como menina de certa maneira também se articulam com falo, mas alguma coisa fica não saturada por essa identificação, e por isso também que ela será mãe (Cf., Rêgo Barros e Vieira, 2011).

Como não há um significante específico para a mulher como o falo o é para o menino, para a menina será muito difícil abrir mão de sua identificação fálica junto à mãe e separar-se dela. Essa identificação lhe dava, de certa forma, uma consistência para seu ser, ou seja, ser o objeto de desejo da mãe. É por isso que quanto ao que a menina espera da mãe Lacan afirma:

Por essa razão, a elucubração freudiana do complexo de Édipo, que faz da mulher peixe na água, pela castração ser nela ponto de partida, contrasta dolorosamente com a realidade de devastação que constitui, na mulher, em sua maioria, a relação com a mãe, de quem, como mulher, ela realmente parece esperar mais substância que do pai – o que não combina com ele ser segundo, nessa devastação (Lacan, 1972, p. 465).

Podemos indagar o que Lacan chama de *substância*. Ao buscar a definição da palavra substância – *substance*, em francês – encontramos no dicionário Le

Robert uma que chamou nossa atenção em particular e acreditamos que a mesma possibilita avançar em nosso estudo: substância é o que há de essencial. Com efeito, essa definição nos remete à ordem da essência que, não necessariamente é de ordem material.

Dessa forma, entendemos que a mulher busca a essência de sua feminilidade junto à mãe de forma muito mais intensa do que junto ao pai. Em outras palavras, a mulher demanda à mãe um significante específico que dê algum significado a seu ser enquanto mulher de modo bem mais categórico do que o faz junto ao pai.

No entanto, toda substância vem do pai. A menina ganha a substância que ela pode ganhar do pai, mas algo resta não definido, não saturado, sem essência. É nesse ponto que ela insiste com a mãe, buscando essa substância. O que não quer dizer que ela consiga.

Dessa maneira, faz-se necessário que a menina deixe de querer receber a essência de sua feminilidade através da mãe para que, assim, construa sua versão particular de sujeito feminino. Mas, como marca Lacan, a relação da maioria das mulheres com suas mães revela um aprisionamento nessa realidade violenta

Lacan buscará com o termo “devastação” (*ravage* em francês) retomar o que Freud denominou *catástrofe* (1972, p. 475). Ambos se referem aos vínculos estabelecidos entre uma menina e sua mãe e àquilo que, dessa ligação, foi estabelecido pela psicanálise como parte da subjetividade feminina.

A devastação caracteriza uma relação passional na qual a separação entre mãe e filha é sempre adiada. Estas não conseguiriam encontrar uma saída para a mesma, a não ser em termos de ruptura.

Esta violência parece se ligar ao fato de que ao demandar amor, as mulheres o fazem de maneira incessante, fato que parece estar ligado ao sem limites do gozo feminino (Lacan, 1972, p. 467). Sabemos que não se trata unicamente de demandar amor, mas também demanda de uma resposta para sua existência. Quanto a mãe, esta deixa de fornecer tal símbolo a filha não por vontade própria, mas porque isso é da ordem do impossível. Não há um saber sobre o gozo feminino que possa ser transmitido.

É com esta falta radical no Outro que a menina deve se confrontar. Essa falta reforça, de algum modo, a castração feminina, e faz dela uma falta abissal em relação à castração masculina: é a falta de “uma palavra-ausência”, de uma

“palavra-furo, perfurada em seu centro por um buraco, deste buraco onde todas as outras palavras teriam sido enterradas”, como diz Marguerite Duras (André, 1998, p. 195-196).

A mulher terá também mais dificuldade do que o homem para aceitar a falta no Outro materno. Admitir que o Outro não existe, faria com que ela perdesse a esperança de encontrar alguém que lhe dê o que lhe falta, ou seja, um complemento para o seu ser.

Desse modo, concluímos que a mulher tem maior dificuldade de renunciar à demanda do Outro, tendo em vista seu duplo anseio em obter uma compensação para a sua falta-a-ser como sujeito e como mulher (Zalberg, 2003).

O amor da mãe parece ser para a menina, a princípio, condição de sua existência. Por isso, seu temor em perdê-lo. Essa persistência da demanda na mulher acaba por prejudicar o surgimento de seu desejo próprio. Desejo esse que, para surgir, necessita como condição a separação do Outro materno.

Mesmo não podendo dar à filha um significante que responda à sua identidade feminina, sabemos que a figura da mãe é imprescindível para que a menina possa alcançar e inventar uma feminilidade própria.

3.3

A devastação na relação mãe-filha

O que é a devastação? É ser devastado. O que chamamos de devastar uma região? É quando nos entregamos a uma depredação que se estende a tudo. Não no sentido pequeno: tudo bem completo. É uma depredação sem limites. Isso que Lacan chama de ‘o todo fora o universo’, o todo que não se completa como um universo fechado, limitado. É uma dor que não para, que não conhece limites (MILLER, 1998, p. 20).

Devastadora. É assim que Lacan denomina a maioria das relações entre mães e filhas. Podemos indagar o que ele quer dizer com esse termo.

Lacan usa a nomenclatura *ravage* em francês para descrever uma relação altamente conturbada entre a filha e sua mãe. Em português o termo pode ser traduzido como “devastação” ou “estrago”. Em francês cabem ainda outros significados a este termo, como “desgosto profundo”, “dano” ou “prejuízo”.

A raiz etimológica que implica o substantivo empregado por Lacan para falar da devastação, *le ravage*, tem proximidade com outros substantivos que possuem a mesma raiz: *raivissement* e *ravinement*, que significam, respectivamente, arrebatamento e deslumbramento. O verbo arrebatado é também um termo da mística, como também é o termo deslumbramento. No dicionário Aurélio, podemos ver que *devastação* significa ruína proveniente de uma grande desgraça, devastar é tornar deserto. Já o dicionário Houaiss o significa como aniquilamento, destruição total e assolação. Isso nos leva a pensar que há algo ao mesmo tempo encantador e devastador na imagem da mãe (Lessana, 2000 e Drummond, 2011).

É importante destacar dificuldade existente em definir a devastação. Ao fazer uma diferenciação entre devastação como sintoma da mulher e o sintoma propriamente dito, Jacques-Alain Miller no texto “A partilha sexual” (1998), aponta que o último se manifesta como localizável e passível de ser classificado. Podemos defini-lo no lado masculino. Já a devastação encontra-se do lado feminino, e é constituída pelo infinito da estrutura do que vimos no capítulo anterior como *não todo* e, portanto, do lado da mulher na tabula da sexuação. Desse modo, as devastações são inclassificáveis.

É muito mais um estado, uma afetação do que um sintoma. Até porque, pelo ponto de vista da psicanálise, o sintoma é visto como resposta do sujeito. A devastação é vista como alguma coisa de que o sujeito sofre. Ele é acometido de devastação. É diferente de produzir um sintoma (Rêgo Barros, 2011¹³).

De certa maneira interpretação e deciframento constituem o ponto em que o sintoma, entendido como sintoma clássico se presta a interpretação. A devastação não é sintoma e, portanto, não é algo que se interpreta, que cede a interpretação do inconsciente, não é algo que por associação e posterior corte produz efeitos sobre esse lugar de gozo.

Devastação será um dos nomes para o *nãotodo*. Freud aborda a relação mãe-filha através do seu conceito de *Penisneid*. O que Freud vai sublinhar nesse ponto é que essa relação é fortemente marcada por uma reivindicação. A inveja dá

¹³ O que se segue no texto tem como referência fundamental Brousse (2004), Drummond (2011) a partir das notas do curso “Mães Lacanianas”, ministrado por Marcus André Vieira e Romildo do Rêgo Bastos, na Escola Brasileira de Psicanálise, Seção Rio, em 2011 do qual extraímos o fio condutor de nosso percurso.

conta de uma série de dificuldades porque falta um significante articulando a identificação entre mãe e filha (1933, p.125).

Não há apenas o jogo da reivindicação e da inveja, mas também o jogo com uma mãe fálica. Lacan trabalha essa questão em seu Seminário “As formações do inconsciente” (1957 – 58). Pode existir a dialética de a menina ser ou o fetiche da mãe ou a ideia de que ‘se a minha mãe tem é porque eu sou’. Em vez de ser o falo do pai, ela completaria a castração da mãe sendo ela, a menina, o falo.

Ou de maneira oposta, ela pode recusar essa falicização e tentar arrancar da mãe isso que seria o falo imaginário para que, assim, ela possa localizá-lo. Como efeito, estamos falando de uma relação tensa entre mãe e filha, que já se encaminha à outra coisa que não ao falo e ao objeto *a*.

Não necessariamente, essa relação precisa prender-se apenas na violência ou na disputa fálica. Marie-Hélène Brousse (2004) indica que pode ser, por exemplo, querer encontrar o objeto precioso da mãe, procurar em todas as gavetas, todos os escondidos, as jóias, se interessar por objetos que seriam aqueles que completariam a mãe no imaginário do falo.

A disputa sobre quem perdeu, onde perdeu, quem perdeu mais, quem perdeu menos são modalidades do que na clínica pode ser representado dessa relação conturbada de um falo que não está estabilizado na relação mãe e filha.

No seminário “O avesso da psicanálise” (1969 – 70), Lacan, ao dissertar sobre o desejo da mãe, afirma:

O papel da mãe é o desejo da mãe. É capital. O desejo da mãe não é algo que se possa suportar assim, que lhes seja indiferente. Carreia sempre estragos. Um grande crocodilo em cuja boca vocês estão – a mãe é isso. Não se sabe o que lhes pode dar na telha, de estalo fechar sua bocarra. O desejo da mãe é isso... Então, tentei explicar que havia algo de tranquilizador... Há um rolo de pedra, é claro, que lá está em potência, no nível da bocarra, e isto retém, isso emperra. É o que se chama falo. É o rolo que se põe a salvo se, de repente aquilo se fecha (Lacan, 1969 - 70, p. 105).

Brousse chama a atenção para a existência de uma área obscura do desejo da mãe, não saturada pelo Nome-do-Pai, uma área que não é recoberta pelo Édipo. Essa área não recoberta é que, equivocadamente, tende a ser tomada como prévia ao Édipo, como uma formação primitiva.

Nessa formulação a mãe, o desejo da mãe tem uma área obscura, não recoberta pelo Nome-do-Pai. Essa área é concomitante com o Édipo, ela não é prévia. É como se ela tivesse um gozo a mais e que pode se manifestar como enigmático e como invasivo, na realidade, ele pode se apresentar de várias formas.

Uma das formas de nomear a presença deste gozo a mais é ‘devastação’. Para Lacan a devastação aparece na diferença entre *todo* e *nãotodo*, entre o que vai ser o campo do gozo fálico e Outro gozo.

A devastação é assim chamada devido aos efeitos produzidos em algumas mulheres dificultando com que assumam uma posição feminina. Lacan (1972 -73) afirma que o que está em jogo na devastação é o gozo feminino, já que a mulher tem uma relação com o gozo que não passa pelo significante. Isso porque, como já foi visto, a mulher não tem a possibilidade de simbolizar seu sexo, já que este é uma ausência.

Em outras palavras, a devastação seria um efeito do gozo do Outro. Gozo situado na teoria lacaniana no lado feminino das fórmulas da sexuação e que não passa pela palavra, não pode ser dito, só podemos supô-lo.

Zarowsky (2006) aponta que a devastação mãe-filha é chamada dessa forma, pois seus efeitos levam a dificuldade em assumir uma posição feminina, com as ocorrências em relação aos seus corpos, e também em relação às suas ligações com outros homens e outras mulheres.

Além disso, com grande frequência, estas mulheres reclamam que suas mães não lhe transmitiram um “*savoir faire*”, com relação às questões que dizem respeito à feminilidade. Dessa forma, a filha permanece fixada nessa dependência esperando indefinidamente por uma resposta dessa mãe que permaneceu no lugar de grande Outro. A mãe é questionada “em vão, uma vez que ela não pode responder, sobre o que é ser uma mulher para um homem” (Zarowsky, 2006, p. 269).

Ao entender a devastação como um modo de gozo específico do feminino, vê-se que esta traz a luz a própria questão da posição feminina, em que a mulher é um ser faltante, não-toda, como nos coloca Lacan: “ser um pouco louca, uma vez que porta uma dupla referência ao *phallus* e ao furo, deparando-se com a castração, em última instância com a falta de um significante no campo do Outro” (Lacan, 1975, p. 65). As mulheres são não-todas, pois estão não todas no registro fálico, ao contrário dos homens que se encontram do lado do falicismo.

Notamos que Lacan não menciona uma devastação no que concerne a relação mãe-filho ou ainda, na relação pai-filho, embora também possam existir complicações em ambas. Isso ocorre porque o uso que Lacan faz do termo devastação remete há algo que “não pertence ao registro fálico (Soler, 2005, p. 184).

Colette Soler a define como algo “nada diferente do que os efeitos patemáticos que o gozo Outro induz no sujeito, e que se desdobram e dividem entre a abolição subjetiva e a absolutização do Outro” (Soler, 2005, p. 186).

Ao usar a palavra devastação, Lacan marca o domínio exercido pelo outro sobre o sujeito. Soler (2005) esclarece que Lacan diz de fato que a demanda, o desejo e o gozo do Outro se tornam mais importantes para o sujeito do que seus próprios desejos, demandas e gozo.

Lacan (1973) também define a devastação como aquilo que um homem pode produzir em uma mulher. No caso da relação homem e mulher, esse sujeito impulsiona nela um abismo infinito de um gozo sem rumo. Lacan fala em *Télévision*, que não existem limites às concessões que uma mulher pode fazer a um homem: “de seu corpo, de sua alma, de seus bens” (Lacan, 1973, p. 538).

Ao perder o amor de tal homem, pode irromper uma desfalicização do corpo, uma despersonalização ou até uma ameaça de auto-desaparecimento (Drummond, 2011). É a devastação de si por si mesma. Soler aponta que os efeitos da devastação vão “da mais leve desorientação até a angústia profunda, passando por todos os graus de extravio e evitação” (2005, p. 185).

Estamos diante de um gozo que devasta o sujeito, que o destrói inteiramente, reduzindo-o a nada. Já no jogo da menina com a mãe, a devastação fica mais pelo gozo assombroso da mãe, mais do que dela mesmo.

O arrebatamento de Lol V. Stein como paradigma da devastação

Lacan, em 1965, escreve sua “homenagem a Marguerite Duras, sobre O arrebatamento de Lol V. Stein”. Lol é a protagonista do livro de Marguerite Duras “O deslumbramento”. Na verdade, esse nome é uma cifra de Lola Valérie Stein. Lola é uma mulher de 30 anos que nasceu e foi criada em S. Tahala (cidade fictícia). Quando tinha 19 anos ficou noiva de Michael Richardson com quem vai ao baile em que se dá o momento crucial dessa narrativa.

Antes disso, a infância de Lol é abordada através dos olhos de uma amiga de infância, Tatiana. Esta marca como Lol gostava de isolar-se com ela e a impressão de que “já faltava algo a Lol para estar presente” (Duras, 1986, p. 8).

No baile, Lol V. Stein de braços dados com o rapaz, todos vestidos de gala, quando entra uma mulher e ele fica tomado por uma paixão. O noivo de Lol se encanta por uma mulher mais velha que entra no salão em um belo vestido negro. Isso é a paixão dele, não é arrebatamento. É paixão a primeira vista, ele vai em direção a ela, eles dançam e passam a formar um par a partir desse momento. Lol permanece impassível diante do que assiste, paralisada.

Sobre o que ocorre com Lol ao ter visto seu noivo se encantar por outra mulher Duras escreve: “com o avanço da noite, parecia que as chances de Lol sofrer se tinham rareado ainda mais, que o sofrimento não havia encontrado nela onde se expandir, que ela tina esquecido a velha álgebra das penas do amor” (Duras, 1986, p. 13). Lacan também chama atenção para esse ponto “mas, justamente, ela não pode dizer que está sofrendo (1965, p. 199).

Lol não sofre ao ver seu noivo ser roubado por outra mulher em um baile. Ela fica fascinada pela dama de preto, por seu rosto e porte admiráveis e esquece de si mesma. Lol busca uma saída para encontrar um lugar onde colocar seu próprio corpo. Este corpo havia sido substituído por outro, desaparecendo (Zalcborg, 2003, p. 153).

“Lol seguiu-os com os olhos pelos jardins. Quando não mais os viu, caiu no chão, desmaiada” (Duras, 1986, p. 15). Lacan chama a atenção para o fato da narrativa estar diretamente centrada na questão do olhar (1965, p. 201). Ao ser desinvestida por seu amante é como se Lol deixasse de existir. Parece que há uma relação no belo vestido que veste a mulher que captura o olhar de seu noivo e o fato de Lol se sentir sem ‘roupa’ na ausência do olhar do mesmo. Parece que era o olhar dele que dava alguma consistência para seu ser e, na ausência do mesmo, Lol se esvai, se perde completamente.

Lacan faz do arrebatamento uma operação lógica, subjetiva e temporal que permite situar as relações do sujeito com o corpo. O desinvestimento do amor de Michael Richardson que Lol experimenta no baile a coloca a nu, como afirma Lacan, “essa imagem de si que o outro reveste você e que a veste e que, quando desta é desinvestida, a deixa? O que ser embaixo dela? [...] sua nudez ficou por cima a lhe dar seu brilho? (Lacan, 1965, p. 201). É o vazio dá a Lol um sentido

como diz Lacan “você foi – sim, por uma noite, até a aurora quando algo nesse lugar se rompeu – o centro dos olhares (*Ibid*).

Lol busca uma saída para encontrar um lugar onde colocar seu próprio corpo. Este corpo havia sido substituído por outro, desaparecendo. “Lol não tinha conseguido chegar à resolução da devastação, no processo de separar o próprio corpo nem do corpo da mãe nem da outra mulher” (Zalberg, 2003, p. 155).

A cena do baile jamais se afastaria de Lol. Lol sai de cena por um bom tempo, não consegue sair de casa. Quando finalmente consegue novamente sair às ruas, perambula por elas sem rumo, caminha sem direção alguma. Em uma de suas caminhadas acaba por encontrar aquele que será seu marido. “Assim, Lol casou-se sem querer, da maneira que lhe convinha, sem passar pela selvageria de uma escolha” (Duras, 1986, p. 22).

Lol não tinha existência antes do baile, entretanto depois ela se torna um deserto “no qual uma faculdade nômade a havia lançado na busca interminável de que? Não se sabia. Ela não respondia” (*Ibid*, p. 24).

O caso de Lol V. Stein é precioso porque é o conjunto da vida dela que se desfaz com esse desastre amoroso. A cena do baile desmonta completamente todo o ser de Lol.

Quando a personagem Lol mergulha em um sofrimento do qual não pode mais sair, Lacan nos interroga; “Mas o que dizer de um sofrimento sem sujeito?” (1965, p. 201).

O exemplo dessa personagem mostra que a devastação está intimamente ligada ao arrebatamento, ao ser extraviado de si mesmo. “Ser arrebatada é ser descompletada de seu corpo, com o efeito de gozo que acompanha a deslocalização” (Brousse, 2004, p. 65).

Brousse (2004) propõe que a devastação está presa ao arrebatamento. Na devastação, o sujeito não toma posse de seu próprio lugar e é reduzido ao silêncio. Podemos inclusive dizer que há uma auto-eliminação. E esse não lugar não é apaziguado pela função paterna. Lol não fala. As palavras lhe faltam a partir desse momento. Se ela sofre, nada se sabe sobre seu sofrimento. De Lol só sabemos de algo através do Outro.

Sua maior dor e sua maior alegria confundidas até em sua definição, que se tornou única mas inominável na falta de uma palavra. Gosto de acreditar, como gosto dela, eu se Lol está silenciosa na vida é porque acreditou, no espaço de um relâmpago, que esta palavra podia existir. Na falta de sua existência, ela se cala (Duras, 1986, p. 35).

Brousse (2004) entende que é exatamente a vacilação do semblante que constituirá o momento de crise na transferência desses sujeitos tocados pela devastação mãe-filha. “Posto a nu, o semblante vê-se transformado em mentira ou relegado a um desprezível enquadramento que estala sob os assaltos do real, desqualificando a própria função da fala” (p. 57) ¹⁴.

Segundo Holck (2008) todos os sentidos de arrebatamento estão presentes nessa narrativa: “arrancar, raptar, encantar, extasiar, enfurecer, conquistar” (p. 59). Podemos entender o arrebatamento quando a *nãotoda* perde todos os seus enlaces, e assim, sem nó, perde seu rumo, o sentido e perde a si mesma. Vemos que o arrebatamento acontece é quando uma mulher perde o amor de um homem e, o perdendo, perde tudo que a enlaçava.

Para Lol não há possibilidade de inscrição. Ela só tem consistência para existir no desejo do Outro. Há nela uma radicalidade única.

¹⁴ O conceito de semblante é tratado por Lacan no seminário “Os Quatro Conceitos Fundamentais em Psicanálise” (1964) como uma aparência, no sentido em que alguém que tenta aparentar alguma coisa, que finge possuir algo, mostra alguma coisa a alguém.